



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

**PHELIPE LINS DE MOURA**

**SIGNIFICAÇÕES DE UM UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA  
VISUAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
ACERCA DO SEU PROCESSO EDUCACIONAL**

**MACEIÓ – AL**

**2020**

**PHELIPE LINS DE MOURA**

**SIGNIFICAÇÕES DE UM UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA  
VISUAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
ACERCA DO SEU PROCESSO EDUCACIONAL**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Educação Física do Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof. Dr. Neiza de Lourdes Frederico Fumes

**MACEIÓ – AL**

**2020**

PHELIPE LINS DE MOURA

SIGNIFICAÇÕES DE UM UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA VISUAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DO SEU PROCESSO EDUCACIONAL

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Neiza de Lourdes Frederico Fumes Artigo Científico defendido e aprovado em 16/06/2020

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Neiza de Lourdes Frederico Fumes IEFÉ/UFAL

---

Prof<sup>o</sup>. Titular Leonéa Vitoria Santiago IEFÉ/UFAL

---

Prof. Ms. Claudeson Vilela de Oliveira

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa etapa da minha vida acadêmica ao meu PAI (Izaias de Vasconcelos Almeida, in memoriam) que sempre me ensinou que a educação é a melhor escolha de um homem, com seu exemplo, apoio e incentivo, concluo a primeira etapa de um sonho. As minhas conquistas não são só minhas, são também daquele que não está mais aqui, mas ainda assim, faz parte delas!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me permitiu chegar até aqui, me concedendo saúde e força para superar as adversidades. Sem o Seu auxílio não conseguiria terminar essa etapa de minha vida.

Sou grato pela família que tenho, pelo amor com que me auxiliam e cuidam de mim. Minha família é o meu alicerce. Todos vocês têm uma importância única, cada um do seu jeito.

Não posso deixar de agradecer à minha noiva Roberta, por todo apoio e companheirismo, por estar sempre ao meu lado durante o meu percurso acadêmico.

Agradeço à minha Orientadora, Neiza, por ter aberto as portas da pesquisa em minha vida acadêmica, me auxiliando com tanta atenção e paciência. Sendo parte fundamental da minha formação, através de programas institucionais, grupo de pesquisa e monitoria com inúmeras contribuições que levarei para sempre.

A esta Universidade e ao corpo docente do IEFE por me proporcionar uma formação profissional com qualidade e me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Também agradeço a todos os meus colegas de curso pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante esses anos.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>8</b>
<b>3 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>9</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>15</b>
<b>Apêndice 1 – Núcleo de Significação .....</b>	<b>19</b>
<b>ANEXO – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>23</b>

# SIGNIFICAÇÕES DE UM UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA VISUAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DO SEU PROCESSO EDUCACIONAL<sup>1</sup>

## RESUMO

Para uma educação que atenda às demandas de todos os alunos, é necessário pensar em meios, através de estratégias e metodologias, que proporcionem o sucesso e aprendizado dos alunos. Esta pesquisa buscou apreender, por meio das significações, o processo educacional de um aluno com deficiência visual, desde a educação básica até o ensino superior. A abordagem metodológica adotada é de cunho qualitativo, a partir de um estudo de caso. A construção dos dados empíricos deu-se por meio do uso da entrevista semiestruturada, que foi transcrita e posteriormente analisada mediante os núcleos de significações. Os resultados do estudo mostraram que o caminho percorrido pelo aluno não foi fácil, tendo uma maior inclusão na Educação Superior, mas ainda há muitas lacunas a serem superadas e, com isso, o processo de aprendizagem do aluno com deficiência visual fica limitado e com muitas barreiras, as quais perpassam as estruturas físicas das instituições, a falta de materiais e as atitudinais negativas. Esses resultados sugerem que a inclusão educacional depende, sobretudo, da adoção de atitudes positivas e da participação de toda comunidade, de forma a reduzir as barreiras na aprendizagem e favorecer o processo de formação da pessoa com deficiência.

**Palavras-chave:** Dimensão Subjetiva. Significação. Inclusão Escolar.

## ABSTRACT

For an education that serve the demands of all students, it is necessary to think about means, through strategies and methodologies, that provide the success and learning of students. This research sought to apprehend, through the meanings, the educational process of a visually impaired student, from basic education to higher education. The methodological approach adopted is qualitative in nature, from a case study. The construction of empirical data was based on the use of semi-structured interviews, which was transcribed and later analyzed through the signification nuclei. The results of the study showed that the path taken by the student was not easier, having greater inclusion in Higher Education, but there are still many gaps to overcome and, with this, the learning process of the visually impaired student is limited and with many barriers, which pass through the physical structures of the institutions, lack of materials and negative attitudinal. These results suggest that educational inclusion depends greatly on the adoption of positive attitudes and the participation of the whole community, in order to reduce barriers in learning and to favor the process of training people with disabilities.

**Key words:** Subjective Dimension. Meaning. School Inclusion.

---

<sup>1</sup> O artigo foi publicado parcialmente na Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, volume 20, número 2, p. 179-188.

## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão educacional é um direito do aluno e requer mudanças na concepção e nas práticas de gestão, sala de aula e de formação de professores, para que se efetive o direito de todos à escolarização. No Brasil, a matrícula e permanência de todo e qualquer aluno é assegurada por dispositivos jurídicos, tais como a Constituição Federal de 1988, a Lei n. 7.853/1989, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Lei Brasileira de Inclusão (2015), a Lei nº 13.409/2016, o Decreto n. 5.296/2004, o Decreto n. 6.949/2009, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2009) e a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008), entre outros.

No entanto, verificam-se atrasos e desafios para alcançar uma inclusão escolar satisfatória, muitas vezes, a inserção de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) acontece sem que a instituição de ensino tenha condições de apoio favoráveis para permanência. Segundo os dados de 2010 do Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC), o fracasso escolar ainda gera elevados índices negativos, afetando os alunos através da repetência e evasão, resultando em uma baixa ou não aprendizagem. (SCHRUBER; CORDEIRO, 2010)

Cabe destacar que acesso é compreendido de uma maneira ampla, ou seja, corresponde não somente ao ingresso à instituição de ensino, mas à permanência desse aluno na instituição (subsídios que garantam condições adequadas para a conclusão com sucesso dos estudos). Assim, acesso implica processo de mudança e está relacionado a criar condições legais e direitos igualitários (MANZINI, 2008; AINSCOW, 2009).

Ao incluir as pessoas com deficiência, o ambiente educacional se converte em ambiente mais propício à aprendizagem. Todos ganham com a inclusão, quando há oportunidade e participação para toda a comunidade escolar (MANTOAN, 2006; ERIKSSON et al., 2007).

Carmo, Fumes, Mercado e Magalhães (2019) evidenciam que, na educação da pessoa com deficiência, umas das possibilidades para o sucesso da inclusão escolar é a ênfase na formação de professores, que parece estar situada a um segundo plano nas políticas públicas dos diferentes governos brasileiros.

Corroborando com essa ideia, Prieto (2006), Grassi (2008), Libâneo (2010) e Pimentel (2012) afirmam que a inclusão educacional requer professores preparados para atuar na diversidade, compreendendo as diferenças e valorizando as potencialidades de cada estudante, considerando que o processo de formação passa por uma (re)construção contínua. Com a inexistência dessa formação gera o fenômeno da “pseudoinclusão”, ou seja, apenas na figuração do estudante com deficiência na escola regular, sem que o mesmo esteja devidamente incluído

no processo de aprender, gerando práticas pedagógicas distanciadas das reais necessidades desses discentes (MACHADO; LABEGALINI, 2007; CARVALHO; RIBEIRO 2017).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresenta o método de natureza qualitativa, baseados “numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando suas possíveis relações, integrando o individual com o social” (FREITAS, 2002, p. 28). Dentre as diversas alternativas que podem ser utilizadas para esse tipo de pesquisa, percebemos que na pesquisa em questão, o estudo de caso se torna mais eficaz, buscando a apreensão do fenômeno em maior profundidade.

O instrumento utilizado para colher as informações, referentes aos movimentos constitutivos das significações de um aluno do Curso de Licenciatura em Educação Física acerca da formação docente, foi a entrevista semiestruturada. Segundo Aguiar (2006, p. 18), “a entrevista é um dos instrumentos mais ricos e permite acesso aos processos psíquicos que nos interessam, particularmente os sentidos e significados”. Para tanto, o pesquisador seguirá um roteiro que serve como apoio e facilita sua abordagem, possibilitando abordar todas as hipóteses e pressupostos.

Participou da pesquisa um estudante com deficiência visual, de 36 anos de idade, estudante do curso de Educação Física Licenciatura de uma Universidade Federal, cursando o 8º período. Merece destaque que ele foi o primeiro aluno com deficiência visual a ingressar no curso de Educação Física da Instituição e para esta pesquisa será chamado pelo codinome Gabriel.

Os dados obtidos, por meio da entrevista, foram discutidos e analisados a partir dos Núcleos de Significação, desenvolvidos pelos pesquisadores Aguiar e Ozella (2006; 2013), que objetivavam fundamentar o pesquisador no processo de apreensão das significações. Esse procedimento está assente nos fundamentos epistemológicos da perspectiva sócio-histórica e o método de Materialismo Histórico-Dialético.

De acordo com Aguiar e Ozella (2013), as etapas de construção da proposta metodológica se constituem nas seguintes etapas: seleção de pré-indicadores; sistematização dos indicadores e conteúdos temáticos; construção dos Núcleos de Significação e análise dos Núcleos de Significação (intra e internúcleos). Esses são os movimentos que orientam o processo construtivo-interpretativo realizado pelo pesquisador.

A etapa referente ao levantamento de pré-indicadores consiste na identificação de palavras, que são a forma como o indivíduo revela seus pensamentos, sentimentos e ações, sendo um ser mediado pela história e a cultura que o cerca. De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 309), os pré-indicadores referem-se aos “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado”. Por isso, compreende-se, ainda com base nos autores citados (idem), que eles são constituídos não de palavras vazias, mas de palavras cujos significados carregam e expressam sempre a materialidade histórica do sujeito, isto é, aspectos afetivos e cognitivos da realidade da qual participa. Concluída essa etapa da proposta, inicia-se o processo de aglutinação dos pré-indicadores, que acontece alicerçado em três critérios: similaridade, complementaridade e/ou contraposição, que resultará na sistematização de indicadores acerca da realidade estudada. Em seguida, acontece a sistematização dos núcleos de significação, que são os aspectos essenciais do sujeito, expressam os pontos centrais e fundamentais, revelando as determinações constitutivas do sujeito. Por fim, interpreta-se os núcleos, fazendo uma reflexão sobre as contribuições teóricas, retoma o objetivo de pesquisa e ressalta os resultados que permitem responder da melhor maneira a questão formulada. Trata-se de discutir “a emergência de modos parciais, incompletos e reais de decisão e intervenção de cada ser humano sobre sua própria vida e sobre a vida coletiva” (DELARI Jr, 2013, p. 116), sem esquecer que a história dos sujeitos se dá sob certas condições histórica e socialmente determinadas ou, nas palavras de Vigotski, buscar a gênese social do indivíduo.

Assim, baseando no trabalho de Aguiar e Davis (2010), consideram-se as seguintes categorias:

- a) mediação: o desenvolvimento se dá na e pela interação interpessoal;
- b) historicidade: movimento dialético marcado pela relação parte-todo que permite romper as dicotomias interno-externo, objetivo-subjetivo, sentido-significado;
- c) atividade: constitui-se através de mediações, sendo realizada com os outros e podendo ser transmitida, é o processo de ação do homem sobre a natureza;
- d) significação: compreende os significados e os sentidos atribuídos à realidade expressos através das palavras.

### **3 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

**NÚCLEO:** “O meu percurso escolar foi bastante complicado. Eu sempre tive o problema com a deficiência visual”: barreiras encontradas nos caminhos em busca da inclusão da escola até a Universidade.

A análise deste núcleo, fruto da aglutinação dos indicadores que se referem às significações em que o sujeito nos revelou vivências acerca de sua trajetória educacional, que, por sua vez, evidenciaram algumas barreiras encontradas para sua permanência no processo educativo e a ausência de inclusão, bem como o desafio de ser “diferente”.

Como já mencionado, o participante de nossa pesquisa, no momento da produção dos dados, era estudante do curso de Educação Física Licenciatura e sempre foi aluno de escolas públicas. Tinha 36 anos de idade e em entrevista relatou que enxergou até os 20 anos aproximadamente, depois foi perdendo a visão até o ponto de ficar cego. Porém, revelou que as barreiras se manifestaram desde este início do seu processo educacional, como relata no pré-indicador a seguir:

[...] Meu percurso escolar foi bastante complicado, porque eu comecei a estudar, eu sempre tive o problema com a deficiência visual[...] comecei a estudar com mais ou menos uns 10 anos de idade, quando eu tinha mais ou menos uns 13 anos eu tive que desistir, porque as escolas não tinham professores capacitados, nem estrutura que favorecesse a minha permanência na escola, então juntou uma coisa com a outra e eu acabei desistindo de estudar.

A história de Gabriel, infelizmente, não constitui um caso isolado, de acordo com os dados de 2010 do Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC), apenas 5% das pessoas com deficiência que entram na escola chegam ao ensino médio. Muitas das crianças e adolescentes que adentram na escola acabam encontrando bastantes dificuldades para permanecer e essa situação escolar acaba desembocando no fenômeno do "fracasso escolar". Nesse contexto, a responsabilidade pelo fracasso recai sobre o aluno e não sobre a falta de estrutura da escola para atender as necessidades específicas (MENDES, 1995; PATTO, 1996; JANUZZI, 2004).

Gabriel relatou também um momento de ruptura com as barreiras encontradas em sua primeira experiência escolar ao conhecer um centro especializado em educação de pessoas cegas:

Eu fui para o centro de reabilitação para pessoas com deficiência visual e lá nesse ambiente eu consegui perceber que as pessoas que tinham deficiência visual conseguiam desenvolver, terminar seus estudos, conseguiam trabalhar.

No pré-indicador anterior, o participante discute sobre a inclusão efetiva, que quando acontece, permite o acesso e gera a permanência. Também podemos observar isso na fala do sujeito quando ele diz:

Quando a pessoa se sente incluído, com certeza ela vai permanecer naquele lugar, porque a inclusão da pessoa[...], a pessoa quando se sente, assim, integrada, incluída em um ambiente ela vai se sentir à vontade, ela vai se sentir parte daquele processo que está acontecendo, então ela vai permanecer, como sendo uma consequência.

Pereira e colaboradores (2016) entendem que a inclusão é um movimento educacional, social e político que defende o direito de todas as pessoas a participarem da sociedade e de serem respeitados naquilo que os diferencia dos outros. Assim, inclusão é incorporação, é uma ação que permite que todos tenham o direito de participar das várias dimensões de seu ambiente social, sem sofrer qualquer tipo de discriminação ou preconceito, independentemente da condição física, da educação, do gênero ou da etnia.

Nosso participante coaduna com a definição dada por Pereira e colaboradores quando menciona a necessidade de se sentir parte do processo. Segundo Gabriel, “quando a pessoa se sente valorizada em sua diferença sentirá prazer em participar das práticas sociais e a sua permanência será uma consequência da participação de tais práticas”.

O direito à inclusão da pessoa com deficiência é vislumbrado através dos ideais de educação, direitos humanos e cidadania. Assim, a plenitude da proposta de inclusão não pode estar restrita ao acesso ao ambiente escolar, mas precisa envolver todas as possibilidades de participação e de aprendizagem dos alunos com deficiência. Somente a frequência não garante a inclusão. É necessário entrar em cena a aprendizagem (GOMES; LIMA, 2006; FIORINI; MANZINI, 2018).

Deve-se ressaltar que a educação inclusiva:

é a aceitação das diferenças, não uma inserção em sala de aula e que exige transformações no sistema de ensino, envolvendo o respeito às diferenças individuais, a cooperação entre os alunos, professores capacitados para incluir todos os alunos em todas as atividades escolares e, principalmente, trabalhar a questão do respeito e da dignidade (MOREIRA, 2006, p.59)

Além desses apontamentos sobre a inclusão educacional, o sujeito avalia como tem se dado a inclusão no momento atual:

Eu penso a respeito da inclusão[...], embora nós saibamos que ela não está no nível tão alto, mas se formos comparar com outros lugares eu posso dizer que tem evoluído bastante... ou seja, eu estou tendo o apoio que eu preciso para permanecer, pelo menos.

Chamando atenção para a inclusão que têm acontecido na Educação Superior compreendemos um avanço nas políticas públicas sobre inclusão, que asseguram os direitos da pessoa com deficiência (PcD), em todos os níveis de ensino e, particularmente, para a Educação

Superior têm ganhado muitos dispositivos para sua execução, incluindo-se a estruturação dos núcleos de acessibilidade (NAC). Esses são “um serviço que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008, p.15).

No entanto, como Gabriel explora em outra parte da entrevista, se não houver colaboração do professor o processo inclusivo não acontece, pois, o NAC por si só, "não pode fazer a inclusão acontecer". Sendo o professor participante de um sistema, não se pretende dizer com isso, que o processo de inclusão ou as falhas em sua formação que possam existir, aconteçam devido suas práticas pedagógicas. Não devem culpabilizar unicamente o docente, mas precisam reconhecer seu papel importante para o desenvolvimento da inclusão na educação.

O NAC, juntamente com a colaboração do professor, pode constituir uma importante parceria na proposição de possibilidades para garantir equiparações de oportunidades ao estudante universitário com deficiência. No trabalho de Silva, Lins e Fumes (2019), encontramos resultados positivos que nos mostram que a utilização de recursos pedagógicos e participação do professor na equiparação de oportunidades para o aluno são benefícios para todos os envolvidos no processo, facilitando não só a aprendizagem do aluno cego, mas de toda a turma.

Gabriel reconhece o papel do NAC, ao mesmo tempo que reafirma a importância do professor conhecer algo sobre o processo de inclusão. Segundo o universitário,

[...] Então é isso, estudar mais [...] e procurar compreender mais sobre as deficiências para poder dar um melhor suporte. De certa forma, nós temos o NAC, tudo bem, mas se o professor souber e ter uma noção de como incluir essa pessoa nas suas aulas de uma forma mais efetiva naquele processo de ensino, eu acho que a coisa ficaria bem mais tranquila até para ele mesmo.

Como abordado por Gabriel, é necessário que haja uma modificação nas relações sociais, acabando com o estigma da anormalidade imputada às PcD, para que essa evolução nas relações sociais aconteça. Faz-se necessário a criação de novas zonas de inteligibilidade que garantam a permanência das PcD nas instituições de educação superior, superando, desta forma, a perspectiva de exclusão e do insucesso, onde se coloca as pessoas com deficiência em uma posição de incapacidade.

Nesse contexto, Moreira (2005a) afirma que as universidades devem ampliar o significado de sua função social e assegurar o direito à educação e à igualdade de oportunidades

àqueles alunos que tradicionalmente não fazem parte de seu alunado, como é o caso dos estudantes com necessidades educacionais especiais, entre eles os acadêmicos com deficiência.

Dessa forma, o núcleo analisado apresenta, na medida em que a fala de Gabriel forneceu significados sobre a inclusão no processo educacional e sobre as barreiras encontradas no mesmo, as inúmeras dificuldades vivenciadas por Gabriel na busca por formação educacional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como objeto analisar as significações sobre o processo de formação educacional de um aluno universitário do Curso de Graduação em Educação Física Licenciatura, a partir da análise dos Núcleos de Significação.

O processo inclusivo, nos sistemas de ensino, tem sido bastante precário. Desde a educação básica até o ensino superior se encontram barreiras para o acesso, a permanência e o aprendizado da pessoa com deficiência. As situações de inclusão são pontuais, o que acaba gerando um grande percentual de evasão. Isso acontece porque os sistemas de ensino, na maioria das vezes, não estão preparados para receber as pessoas com deficiência.

A pesquisa mostra que a Universidade têm oferecido condições para que o estudante com deficiência visual possa frequentar esse nível de ensino, porém, há lacunas a serem superadas, e, com isso, o processo de aprendizagem do aluno com deficiência visual fica limitado e com muitas barreiras, as quais perpassaram as estruturas físicas das instituições, a falta de materiais e as atitudes negativas.

De um modo geral, as universidades brasileiras estão abraçando cada vez mais a diversidade, saindo de um paradigma de exclusão e partindo para a inclusão. Mas, ainda não há subsídios suficientes (como ainda se observa um retrocesso) que favorecem a participação plena da pessoa com deficiência. O NAC tem tido papel fundamental nessa participação e se tornou um auxiliar na permanência.

No que se refere ao professor universitário, participante ativo do processo de inclusão, cabe destacar que sem uma formação devida, a inclusão não irá acontecer. No estudo apresentado, pudemos perceber a importância do docente estar preparado, visto o aumento no número de alunos com deficiência na sala de aula. Isso implica na adequação de sua prática pedagógica e no seu “ser professor”, para que se tenha equiparações de oportunidades eficazes para o sucesso dos alunos.

Ainda se encontram muitas barreiras por parte dos professores, o fator principal disso tem sido a falta de in/formação associada com a insensibilidade dentro da sala de aula das

pessoas com deficiência. Os professores precisam rever sua prática pedagógica e estar disposto a muda-la, para que a pessoa com deficiência participe de sua aula, de forma inclusiva.

Portanto, o processo de inclusão acontecerá de modo mais efetivo e pleno quando toda a comunidade educacional, professores, gestores, corpo técnico e os demais estudantes, assumam essa responsabilidade no apoio da vida acadêmica do estudante com deficiência.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; DAVIS, C. **Superando a dicotomia saber-ação**: uma nova proposta para a pesquisa e a formação docente. ANPED, 2010. Disponível em<<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT20-6139--Int.pdf>> Acesso em 10/07/2019.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicol. cienc. prof. [online]**. 2006, vol.26, n.2, p. 222-245.
- AGUIAR, W.M.J., OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação **Revista brasileira est. pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299- 322, jan./abr. 2013.
- AINSCOW, M. Tornar a educação inclusiva: como esta tarefa deve ser conceituada? In: Fávero, O. et al. (org). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: UNESCO, 2009. p. 11 – 23.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. **Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as leis n. 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 dez. 2004.
- BRASIL. **Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, Brasília, DF: 26 ago. 2009.
- BRASIL. **Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência — CORDE, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 out. 1989.
- Brasil. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm). Acesso em: 25 jul. 2019.

BRASIL. **Lei n. 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Altera a lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF: 29 dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ofício circular n. 152/2013**. Orientações para a promoção da acessibilidade e permanência, na educação superior, de estudantes com surdez na educação superior. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. BRASIL. Decreto legislativo n. 186, de 9 de julho de 2008. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: 10 jul. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento orientador: **Programa Incluir** — acessibilidade na educação superior. Brasília, DF: SECADI, SESu, 2013c.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de acessibilidade na educação superior e a avaliação in loco do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”, 2013b.

CARMO, Bruno Cleiton Macedo do; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; MERCADO; Elisângela Leal de Oliveira; MAGALHÃES, Luciana Oliveira Rocha. Políticas públicas educacionais e formação de professores: convergências e distanciamentos na área de Educação Especial. **Rev. Educação Especial**. v. 32, p. 1-28, 2019., Santa Maria.

CARVALHO, D. L, RIBEIRO, S. M. **A formação de professores e a inclusão de estudantes com deficiência no ensino regular/2017/**  
[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24088\\_12361.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24088_12361.pdf). Acesso em: 14 jul. 2019

DELARI JUNIOR, Achilles. **Vigotski**: consciência, linguagem e subjetividade. Campinas: Alínea, 2013.

ERIKSSON et al. Participation in everyday school activities for children with and without disabilities. **Journal of Developmental and Physical Disabilities**, 19, 485 – 502, DOI 10.1007/s10882 - 007 - 9065 - 5.

FIORINI, M. L. S, MANZINI, E. J. Estratégias de Professores de Educação Física para Promover a Participação de Alunos com Deficiência Auditiva nas Aulas. **Rev. bras. educ. espec.[online]**. 2018, vol.24, n.2, pp.183-198. ISSN 1413-6538.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 28, julho/2002

GOMES, M. F. C.; LIMA, P. A. L. Inclusão e exclusão: a dupla face da modernidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE INCLUSIVA, 4., 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 2006. p. 16.

GRASSI, T. M. . **A inclusão e os desafios para a formação docente**: uma reflexão necessária. Curitiba: SEED-PR / UFPR, 2008.

JANUZZI, G, S de M. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12ªed. São Paulo: Cortez, 2010.

MACHADO, L. M.; LABEGALINI, A. C. F. B. A educação inclusiva na legislação do ensino. **Col. estudos pedagógicos**, v. 1. Marília: Edições M3T Tecnologia e Educação, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MANZINI, E. J. Acessibilidade: um aporte na legislação para o aprofundamento do tema na área de educação. In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M (Org.). **Educação Especial: Diálogo e Pluralidade**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2008. p. 281-289.

MENDES, E, G. **Deficiência mental**: a construção científica de um conceito e a realidade educacional. 1995. 240 p. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MOREIRA, L. C. In(ex)clusão na universidade: o aluno com necessidades educacionais especiais em questão. **Educação Especial**, Santa Maria, n. 25, p 37- 48, 2005a.

PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

PEREIRA et al. Inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: uma revisão sistemática. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 54, vol. 29, p. 147-160, 2016.

PIMENTEL, Suzana Couto. **Formação de professores para a inclusão**: saberes necessários e percursos formativos: In: MIRANDA, T. G.; FILHO, T. A. G. (Org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: Editora UFBA, 2012.

PRIETO, R. G. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, V. A. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

SCHRUBER, J.; CORDEIRO, A. F. M. (2010). Educação inclusiva: desafios do estágio curricular supervisionado em Psicologia Escolar/Educacional. **Psicologia: Ensino e Formação**, 1(1), 21-29.

SILVA, M. Q.; LINS, S. R. O.; FUMES, N. L. F. Recursos Pedagógicos Adaptados: possibilidades de mediação nas aulas de um graduando cego do curso de Educação Física. In: Congresso Brasileiro De Atividade Motora Adaptada, XI, 2020, Maceió. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada**. Maceió: UFAL, 2019.

**APÊNDICE 1 – SISTEMATICAÇÃO DOS DADOS ATRAVÉS DO NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO (AGUIAR; OZELLA, 2006; 2013)**

<b>Pré-indicadores</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Núcleo de significação</b>
1- quando a pessoa se sente incluído, com certeza ela vai permanecer naquele lugar, porque a inclusão da pessoa, a pessoa quando se sente, assim, integrada, incluída em um ambiente ela vai se sentir à vontade, ela vai se sentir parte daquele processo que está acontecendo, então ela vai permanecer, como sendo uma consequência.	1-A inclusão quando acontece permite o acesso e gera permanência 1,4,6,18,19,20,37,38,40,41,42,44	“O meu percurso escolar foi bastante complicado, eu sempre tive o problema com a deficiência visual”: <b>barreiras encontradas nos caminhos em busca da inclusão da escola</b> 1,2,3
2- meu percurso escolar foi bastante complicado, porque eu comecei estudar, eu sempre tive o problema com a deficiência visual	2- Caminhos trilhados durante o percurso educacional e suas barreiras frente à inclusão 2,3,4,6,15,17,18,33,37,39	
3- depois daí a minha visão foi decaindo, decaindo, até o ponto em que eu fiquei cego, e aí os meus estudos, eles foram muito prejudicados	3- O desafio de ser “diferente” 2,3,5,13,14,24,27	
4- porque eu comecei estudar com mais ou menos uns 10 anos de idade, quando eu tinha mais ou menos uns 13 anos eu tive que desistir, porque as escolas não tinham professores capacitados, nem estrutura que favorecesse a minha permanência na escola, então juntou uma coisa com a outra e eu acabei desistindo de estudar		
5- Depois que eu perdi a visão, eu fui para o centro de reabilitação para pessoas com deficiência visual e lá nesse ambiente eu consegui perceber que as pessoas que tinham deficiência visual conseguiam desenvolver, terminar seus estudos, conseguiam trabalhar		
6- os meus estudos foram com muita dificuldade, e eu consegui concluir, porque		

<p>mesmo depois de tanto tempo as escolas ainda não ofereciam recursos para que eu pudesse ter acesso a todo conteúdo que era apresentado durante as aulas, então foi muito difícil até chegar na Universidade.</p>
<p>(13) Aí o quê que acontecia também em relação a minha parcela de contribuição, o fato de eu ser um cara bastante tímido em relação até a minha própria condição, porque você está em um lugar com alunos mais novos e você, e isso também no meu entendimento acabou fazendo com que alguns professores se retraíssem um pouco em relação, porque eu também não interagia</p>
<p>(14) Então talvez a interação entre mim e eles teria sido melhor, mas como eu por vergonha eu ficava muito reprimido na sala, porque a situação de uma pessoa diferente é complicado.</p>
<p>(15) Olhe o percurso ele não tem sido tão fácil, assim como no ensino médio e fundamental, porque falta também um pouco das capacitações dos professores, tem aqueles que procuram fazer o melhor que eles podem, mas tem aqueles também que fazem aquilo que eles vieram preparados para fazer e só isso.</p>
<p>(17) Então, tem sido menos difícil do que no ensino fundamental e médio, que não tinha esse apoio. Eu costumo dizer que talvez, se não tivesse esse apoio e inclusive por parte dos colegas de sala, eles também colaboram muito em várias situações, tanto na locomoção dentro do bloco, como na produção de trabalhos.</p>
<p>(18) Se eu for comparar a minha permanência na Universidade com a minha permanência ou participação na escola regular, eu estou tendo muito mais apoio agora na universidade do que lá fora.</p>
<p>(19) Rapaz, o motivo da escolha da Educação Física, eu sempre, embora nunca tenha participado da educação física na escola</p>
<p>(20) então a escolha do curso se deu pelo meu gosto por certo tipo de esportes e claro influência de algumas pessoas e inúmeras coisas</p>

<p>(24) Não é pelo fato de eu ser deficiente, só que a maioria da vezes, tem alguns alunos que se identificam mais a partir do segundo período e pelo fato desde o início fazer trabalho em grupo, aí a gente vai conversando um com o outro e vai aproximando aos pouquinhos as pessoas, só que no meu caso, como eu sempre fui um cara bastante tímido e retraído, querendo ou não eu sou diferente, embora seja só deficiência visual, mas a gente tem um pouco de receio, e aí aos pouquinhos eles foram também, porque não é só uma questão minha de conquistar eles, mas eles também me conquistarem aos pouquinhos e aquela coisa toda, então pra mim, no meu caso foi uma coisa mais lenta do que na maioria dos casos, mas segundo período por aí, a gente já estava mais entrosado e brincando um com o outro, e assim fomos desenvolvendo nossa relação até agora.</p>
<p>(27) se aproximavam até por curiosidade, como é que você consegue aprender, e na hora de aprender, você sabe mesmo que músculo é esse e esse osso</p>
<p>(33) Se eu tivesse mais dificuldade que isso, talvez eu já tivesse desistido do curso.</p>
<p>(37) E uma outra coisa, não em relação a faculdade, foi por exemplo, como eu não tive acesso a muita coisa no ensino básico, o que é que acontece muita coisa por exemplo eu não tinha a mínima noção de como fazer, porque eu não tive acesso e não me explicaram, por exemplo em certas situações pediam</p>
<p>(38) eu acho que talvez nunca seja assim, porque teria que ser algo de outro mundo, porque são muitos detalhes que passam e as vezes você não tem acesso, mas eu, pelo que pude observar eu acho que está caminhando, eu acho que a inclusão pelo menos aqui, porque como eu disse a você desde o início eu tenho tido um apoio</p>
<p>(39) eu sou o primeiro aluno com deficiência visual aqui do curso, então se eu for comparando com a minha caminhada, meu percurso no ensino básico, se eu for comparar</p>

com o que tem acontecido aqui, aqui está muito à frente do que eu tive na educação básica
(40) Eu acredito que os próximos alunos com deficiência visual que entrarem na universidade, se pegarem os mesmo professores com os quais eu tive aula com certeza eles vão ter uma inclusão um pouco melhor, porque os professores já terão um pouco de conhecimento e experiência, até pelo fato de alguns deles procurarem saber como é uma pessoa com deficiência e o que eu posso fazer para adaptar um material para pessoal com deficiência
(41) Eu penso a respeito da inclusão, embora nós saibamos que ela não está no nível tão alto, mas se formos comparar com outros lugares eu posso dizer que tem evoluído bastante, principalmente, em relação comportamentais, como por exemplo da minha própria turma os meninos têm colaborado bastante, tem procurado fazer eu me sentir parte da turma
(42) Eu posso dizer que a inclusão, pelo menos aqui no bloco de educação física tem acontecido sim de certa forma, o pessoal que trabalha aqui no serviço gerais sempre quando me vê cumprimentam, ou seja, eu estou tendo o apoio que eu preciso para permanecer, pelo menos.
(44) Então é isso, estudar mais para poder passar para pessoas com deficiência e procurar compreender mais sobre as deficiências para poder dar um melhor suporte de certa forma, nós temos o NAC, tudo bem, mas se o professor ele souber e ter uma noção de como incluir essa pessoa nas suas aulas de uma forma mais efetiva naquele processo de ensino, eu acho que a coisa ficaria bem mais tranquila até para ele mesmo

## ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Phuelina Ferreira dos Santos Costa tendo sido convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo: **TECENDO REDES DE COLABORAÇÃO NO ENSINO E NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A DIMENSÃO SUBJETIVA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR**, recebi da Sr<sup>a</sup>. Neiza de Lourdes Frederico Fumes, professora do Curso de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável pelo projeto de pesquisa, e do/a bolsista de Iniciação Científica Phelipe Lins de Moura, as seguintes informações que me fizeram entender, sem dificuldades e sem dúvidas, os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a investigar a dimensão subjetiva da realidade escolar, focando especialmente, as significações constituídas pelos professores, gestores, alunos, funcionários e pais sobre esta realidade e suas relações com o processo de (trans)formação do indivíduo como ser mediado pela história e pela cultura, o estudo será realizado através de entrevistas semiestruturadas. Particularmente, no subprojeto será investigar os sentidos e significados constituídos por alunos com deficiência atendidos pelo Núcleo de Acessibilidade e seus professores sobre inclusão e o atendimento educacional especializado.
- Que a importância deste estudo é de conhecer os sentidos e significados de professores, gestores e professores sobre a dimensão subjetiva da realidade escolar. Particularmente, esse subprojeto poderá apontar aspectos que podem ser empregados no aprimoramento dos serviços oferecidos pelo Núcleo de Acessibilidade;
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: a) Buscar sentidos e significados constituídos por alunos com deficiência atendidos pelo Núcleo de Acessibilidade em relação à inclusão e o Atendimento Educacional Especializado, como ainda a relação entre a sua condição pessoal e a sua formação acadêmica; b) Aclarar os sentidos e os significados da inclusão e do atendimento educacional especializado que são constituídos por professores de alunos com deficiência; c) propiciar a articulação do ensino de graduação com o de pós-graduação nas instituições parceiras; e, f) Compreender o modo como as práticas educativas desenvolvidas no contexto da universidade são mediadas pelos sentidos e significados sobre educação escolar constituídos por alunos e professores;
- Que esse estudo terá início em agosto de 2015 e terminará em agosto de 2016;
- Que participarão deste estudo, professores, gestores, alunos, funcionários e pais de alunos de escolas da Educação Básica, bem como de instituições de Ensino Superior das redes pública e particular das regiões brasileiras nas quais vivem os pesquisadores que integram quatro equipes da Rede de Cooperação, a saber: PED/PUC/SP, PPGED/UFPI, POSEDUC/UERN e PPGED/UFAL.
- Que eu poderei participar de entrevistas, as quais serão gravadas (em áudio). Todo material produzido será apenas utilizado para fins de pesquisa e não haverá nenhuma exposição pública do áudio gravado durante a coleta de dados. O armazenamento desses dados será feito nas instalações do NEEDI;
- Que não existem outros meios conhecidos para se conseguir os mesmos resultados obtidos neste estudo;
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: inicialmente poderei ficar inibido (a) em ter minhas aulas observadas, mas que paulatinamente esta sensação tende a desaparecer;
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: mínimos. Contudo, sei que poderei desistir em participar em qualquer momento que desejar, ou então, pedir esclarecimentos sobre os procedimentos que estão sendo realizados. Os sujeitos participantes do estudo não serão identificados e nem terão invadidos em sua intimidade.
- Que poderei a qualquer momento esclarecer as minhas possíveis dúvidas ou ocorrências, pois terei acesso aos telefones dos responsáveis pela pesquisa;
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente, são: a) poderei refletir b) a partir dessa reflexão poderei modificar certos aspectos rela-

cionados a minha prática profissional; e, c) estarei contribuindo para a compreensão como sistema de apoio a escolarização de alunos com deficiências,

- Que, sempre que eu desejar, me será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo, e também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

<p><b>Endereço d(o,a) participante-voluntário(o,a)</b>  Domicílio: (rua, praça, conjunto): Av. Vereador Galba Novaes de Castro  Bloco: /Nº: /Complemento: 881  Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone: Jardim Petrópolis/Maceió- Al/ 57062-590 f. 98855-6909  Ponto de referência:</p>
<p><b>Contato de urgência: Sr(a). Neiza de Lourdes Frederico Fumes</b>  Domicílio: (rua, praça, conjunto): Rua Mal. A. A. Câmara  Bloco: /Nº: /Complemento: 153 / ap. 202  Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone: Jatiúca/Maceió/Al 57036-660 f. 9983-7373  Ponto de referência: Blue Shopping</p>

**Endereço do responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO): Neiza de Lourdes Frederico Fumes**

Instituição: Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Campus A. C. Simões, Cidade Universitária,

Bloco: /Nº: /Complemento: Educação Física/CEDU/UFAL

Bairro: /CEP/Cidade: Tabuleiro

Telefones p/contato: 3322-2416/9983-7373

**ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:**

**Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas**

**Prédio da Reitoria, sala do C.O.C. Campus A. C. Simões, Cidade Universitária**

**Telefone: 3214-1053**

<p>(Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) voluntário(a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)</p> <p><i>Phelipe Lima de Moura</i></p>	<p>(Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo (Rubricar as demais páginas)</p> <p><i>Phelipe Lima de Moura</i></p>
---	---